EXPEDIENTE.

A distribuição começa hoje, quinta-feira, ás 10 horas da manhã. Aos Srs., que, o mais tardar, quatro horas depois não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da Revista Universal Lisbonense, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar, para se providenciar.

CONHECIMENTOS UTEIS.

REFLEXÕES HIGIÉNICAS E POLICIAES SOBRE O CAFÉ E O LEITE, QUE SE VENDEM NA CIDADE.

2403 Com razão, e acertadissimo criterio, disse o Sr. Isidoro José Gonçalves, no artigo 2260 da *Revista*, que a policia medica estava ainda muito atrasada entre nós. Talvez por modestia não dissesse antes, que não havia tal *policia*. Não devemos, porém, descer a especialidades, que podem ser tidas por doestos indecentes; coisa tão alheia de nosso genio e character.

O que elle refere, é lastimoso; pede promptas providencias o abuso de se venderem, sem minuciosas precauções, as substancias mais damnosas, e que a immoralidade de alguns individuos torna instrumentos de morte, a todos os momentos, como desgraçadamente estamos vendo pelas publicações periodicas.

Os mesmos donos e directores de laboratorios chimicos e pharmaceuticos, podem ser enganados pelo uso e costume de se prestarem a certos pedidos, debaixo de fórmas adoptadas, e que a malicia, sempre ingenhosa, póde facilmente imitar. Esperamos que sobre esta materia não deixarão as auctoridades de providenciar e muito breve; mais val tarde que nunca; como vimos relativamente aos arcos. Condemnaram-se a final aquelles homicidas impunes: por muito tempo se haviam desattendido, a seu respeito, os clamores da humanidade e da razão; chegou o momento, em fim; uns e outros foram escutados; e o redactor da *Revista* adquiriu, por seus esforços sobre aquelle objecto, novos titulos á nossa gratidão. Experiencia bem funesta demonstrou, que uma tentativa audaciosa ainda podia zombar da tomada providencia, mas egualmente indicou o meio de o remediar, o que effectivamente se fez; e as frequentes e desastrosas catastrophes pararam de todo. Verdade é que uma vez desorientada a nossa razão, e determinado qualquer a suicidar-se, sempre se lhe deparam meios; a imagem porém de um tal despenho, e a certesa de uma morte prompta e infallivel, estava sempre mui presente, e tornava mais accessivel tão desgraçada expedição. O mesmo beneficio que tão facilmente se fez, por este lado, á humanidade e á moral, se póde praticar com mais ou menos difficuldade a respeito dos prejuisos enunciados.

Não desejo, Sr. Redactor, abusar da sua obsequiosa indulgencia, mas peço vénia para aproveitar a occasião, e dizer algumas palavras sobre dois objectos, cuja materia me é tão grata como a leitura da *Revista*.....

E' bem sabido o grande consumo que n'esta capital se dá ao leite e ao café; já separados, já unidos: houve quem dissesse que o segundo era o vinho dos homens de bem: parece-nos que tinha razão; ainda que houve tambem quem dissesse d'elle bastante mal. A similhantes opiniões, e tão discordes sentenças costumo eu redarguir com o dicto do apostolo: — *unusquisque in suo sensu abundat.* — Mas não é este o meu ponto; o que pertendo é que se adopte algum expediente policial, para não continuarmos a ser enganados, roubados, e prejudicados em nossa saude, por grande parte dos que negoceiam em café e em leite.

Quanto ao leite, depende a sua boa qualidade do alimento dos animaes, e a cada um determina a naturesa o que lhe é mais conveniente. — Por via de regra são as plantas gramineas as preferiveis, estas abundando em principios saccarinos e amilaceos, dão aos mamiferos uma nutrição sadia, e subcarregada dos mesmos elementos: vindo o leite, que se segrega nas glandulas mamarias das femeas, a ser um liquido importante para os nossos usos, e que mais se demonstra proficuo em ser o de que primeiro nos sustentamos. Este trafico, porém, empreendido ordinariamente por pessoas de poucos teres, necessariamente havia de apresentar suas anomalias. Couves, cascas de favas, de hervilhas, etc. etc., são por toda a parte, e no tempo proprio, procuradas para mantença dos pobres quadrupedes, accrescentando-se a esta pitança mesquinha e impropria a beberagem da semea salgada. ¿ Que é o resultado? Animaes magros e doentios, leite fraco, chilro e insalubre, que até ás vezes causa sedes insoffriveis. Accresce ainda o mugirem para a venda o leite das femeas prenhes, contra o que usamos para com nossos filhos, que os não deixamos mamar em ama grávida. Talvez que seja de tudo isto, que procedem os incommodos que alguns estomagos experimentam com o uso de uma substancia aliás tão salutar.

¿ Que diremos do leite das bilhas? É quasi todo agua; sem que se coarcte um abuso, e um roubo tão frequente, público e descarado. O caso parece difficultoso, porém a diligencia é mãe da boa ventura. A tal respeito (*) chamou já a attenção das auctoridades um digno pharmaceutico d'esta côrte, nosso amigo e collega, o Sr. Pedro Ferreira Norberto, em um artigo por este Sr. tradusido dos annaes das sciencias e das artes, e inserto no jornal da Sociedade Pharmaceutica, segundo volume, paginas 30. N'esse artigo se mencionam as experiencias, e estudos que fez sobre a materia o sabio Davi, ensaiando, mesmo na presença das auctoridades de Cork, um instrumento por elle inventado, e que denominou — *lactometro*. A mais feliz consequencia coroou suas fadigas. O instrumento é simples, facil a sua applicação, e evidentes os seus resultados. Conhece-se a minima fraude, a minima mistura de agua no leite.

No café tambem ha grandes abusos. Ainda quando é bom, costumam a torral-o mal por não saberem. O lume de mais fal-o em carvão, dando-lhe um sabor picante e desagradavel; mas este é o menor defeito; que é voz constante que lhe ajuntam diversos legumes, e já talvez damnificados, para lhe augmentarem

(*) Ácerca dos inconvenientes do máu leite, e da obrigação apertada que á policia corre de olhar por isso, já o nosso jornal tractou no artigo 280; e de um instrumento para facilmente se conhecerem as suas falsificações no artigo 74. Melhor ventura dê Deus a este do Sr. Telles do que tiveram até hoje os outros dois.

o pêso. Se assim é, ahi temos uma logração, um roubo, e um estrago na saude. Um homem da mais sã moral, conheço eu, caixeiro n'uma loja, que entre outros generos vendia tambem café; em uma occasião negou-se elle a vender de um que lhe mandára seu patrão, só porque a lata pesava muito mais do que haveria de pesar a ser de café estreme.

Outra prática se tem introdusido talvez nociva á saude; a saber: associarem ao café, nos botequins, assucar queimado, para lhe dar mais corpo, e tornal-o um tanto mais amargo. Aos clinicos pertence determinar os effeitos que uma substancia decomposta, fortemente carbonisada e impyreumatica, póde occasionar na economia digestiva.

Eu aponto os factos, que no caso de serem outros tantos abusos, podem e devem ser corrigidos e emendados. Vendam muito embora os generos por um preço mais subido, porém sejam genuinos e bons. Extirpe-se por uma vez a prática das falsificações.

Lisboa 13 de novembro de 1843.

Henrique José de Sousa Telles.

CLARIFICAÇÃO DO ASSUCAR.

2404 Deu-se por acabada a discussão da existencia do *veneno quotidiano*, por se achar completamente provado pelos tres artigos insertos na sua interessante *Revista*, que nos ossos não existia qualidade venenosa (e se existisse, que bello achado para a camara municipal de Lisboa acabar com a vadiagem canina, sem gastar vintém). Nada mais direi a este respeito, se não que muito estimo que se poupem os ovos na clarificação do assucar, pois que tendo elles tão boas applicações alimentares, devemos poupal-os, aproveitando-nos e servindo-nos do bello descobrimento de Lowitz (*) que nos facilita outros meios para a clarificação do assucar; — para o que eu lembrava aos nossos confeiteiros e refinadores, o seguinte *filtro*, que tem já grande e vantajoso uso em França, porque descórando completamente o assucar, lhe não dá gosto desagradavel, e o faz render mais.

É o filtro de Dumont uma caixa de páu, que tem a fórma de pyramide quadrangular truncada, forrada interiormente de cobre estanhado (ou zinco), que póde ser coberta com uma tampa tambem forrada de cobre estanhado; tendo uma torneira na sua parede lateral, ao nivel mesmo do fundo. O filtro comprehende ainda mais duas peças, que são um pequeno diafragma com buracos e coberto com um panno ralo; tem quatro pés que o sustentam algumas polegadas acima do fundo do filtro, e um segundo diafragma muito maior, e tambem com buracos. Ao longo da caixa eleva-se um pequeno tubo de cobre, que principia do fundo, e chega á parte superior. Serve para que o ar saia com facilidade, e não resista á descida do liquido.

Quando se arêa, ferve-se o assucar de caixa em agua; e quando está chegado ao ponto, ainda em calda, é que se filtra. Para isso colloca-se o pequeno diafragma no fundo da caixa, e lança-se por cima carvão animal em pó grosso, humedecido com a sexta parte do seu pêso d'agua; cobre-se com elle todo o interior do filtro; alisa-se a sua superficie, e põe-se por cima o segundo diafragma. Deita-se então a calda pela parte superior, e espera-se que sáia branca, regeitando ou fazendo passar novamente a primeira porção filtrada.

Este filtro é excellente, porque descóra e purifica totalmente o assucar, e não lhe dá gosto desagradavel, que tomam quasi sempre os que são aquecidos com a mistura do carvão; porém deve notar-se que todo o carvão para este uso deve ter sido primeiramente misturado, com duas vezes o seu pêso de acido chlorhydrico, que vulgarmente se chama espirito de sal marinho, e depois lavado com agua a ferver, e secco depois.

Alhandra 2 de dezembro de 1843.

Lazaro Joaquim de Souza Pereira.

(*) O primeiro que descobriu a propriedade descolorante no carvão foi Lowitz: depois Figuier, de Montpellier, observou que o carvão animal gozava d'esta propriedade em gráu mais consideravel, e descobriu mais que a propriedade descórante residia principalmente no carvão azotisado muito dividido.

A carta seguinte, dirigida ao redactor do interessante jornal *Angrense*, foi nos mandada, por copia, pelo nosso illustre e muito particular amigo o Sr. D. G. Lara de Andrade, administrador da Alfandega de Setubal, com a louvavel recommendação de a publicarmos; afim, não só de reivindicarmos ao Sr. Dabney, perante os que não teem a fortuna de o conhecer, um credito, que inimigos, ou mais propriamente invejosos, procuraram offuscar-lhe, — mas egualmente de ajudarmos com este novo incentivo o crescimento, em que tanto nos havemos empenhado, da cultura da seda em Portugal e suas possessões. É para nós uma bem feliz conjunctura, a que nos proporciona fazer assim, ao mesmo tempo, um bom serviço ao publico, uma justiça a um estrangeiro benemerito da nossa terra, e a vontade a um honrado amigo, d'elle e nosso.

O BICHO DESTRUIDOR E O BICHO CREADOR.

2405 O numero 345 do seu utilissimo periodico tendo-me sido remettido por um amigo, tenho a satisfação de dirigir esta a V. para lhe asseverar quanto sou sensivel ás lisongeiras expressões com que V. acompanhou o meu nome no artigo intitulado. « Devorista das Larangeiras no Fayal » e não obstante que V. não me imputou culpa, antes me fez justiça, reconhecendo os meus esforços para melhorar a sorte de um paiz que tanto me interessa e em cuja prosperidade a minha propria está tão intimamente identificada, com tudo, não posso consentir que sem fundamento recaia sobre mim a introducção de uma coisa que actualmente é considerada como um flagello. A apparicção dos aphides da especie que tem atacado as arvores de espinho, data de 1837 ou 38 — e a minha convicção é que começaram ou na quinta do Sr. Arriaga ou na do Sr. Ribeiro, porque quando realizarmos a sua natureza destruidora, os estragos apparecerão em maior gráu n'aquelles logares. A primeira arvore que foi atacada nas minhas propriedades foi uma larangeira juncto á parede do norte, na minha quinta da Canada do Baliago e a mais proxima aos logares já mencionados e em sitio em que se não tinha introduzido planta alguma havia mais de oito annos: — assim que se descobriu o estado da arvore, apezar de estar ainda com todo o vigor mandei-a cortar e queimar no mesmo sitio. Em 1839, fiz uma vizita aos Estados-Unidos, e quando voltei achei

varias arvores, larangeiras, limoeiros, inficcionadas com o tal insecto e desde aquelle tempo até o verão passado, tive um rancho nunca menos de quatro homens empregados em alimpar e applicar as differentes experiencias que tenho feito; experimentei cal, azeite, enxofre applicado interiormente, espirito de teribintina, fumigações de alcatrão, archotes queimados á noitinha para os destruir no estado de mosca, barrela com sabão, salmoira e finalmente as fezes ou pé de azeite, que tem sido refinado com potassa e acido sulfurico. — Este ultimo e o menos despendioso é o mais efficaz; uma libra dissolvida em oito canadas de agua doce, applicado com uma seringa com cano grosso e um ralador na ponta, ou por meio de pannos ensopados; a grande difficuldade é fazer chegar o liquido a todas as partes inficcionadas, e para maior segurança tenho feito cortaros ramos.

Na Ilha do Pico este insecto é conhecido ha mais tempo, o que casualmente soube por ter encontrado umas maçãs, ha tres ou quatro annos com alguns aphides da mesma especie, e fazendo algumas indagações disseram-me que não era novidade.

Tendo reflectido muito sobre a origem d'estes insectos n'esta Ilha porque desde o anno de 1828, não consta de se ter introduzido nenhuma exotica, nem mesmo outra qualquer planta n'aquella visinhança, estou disposto a acreditar que a sua origem foi espontanea, effeito de muito viço, abafo e estrume, porque sabemos que combinações de similhante natureza produzem animalculos, ou animalejos em corpos animados; o nome vulgar é Piolho da casca, e quem sabe se o nome é derivado da analogia da sua producção? Tenho feito um raciocinio relativo a este chamado flagello e tenho derivado muita consolação da convicção de que se as larangeiras não fossem destruidas d'esta maneira, em poucos annos os proprietarios seriam obrigados a cortal-as, por não ter quem lhe comprasse o fructo: sabe-se que a producção excede ao consumo e quando isto acontece não póde haver, pela continuação, um preço remunerador; quanto a mim, tenho soffrido um grande prejuizo (apparentemente) pela destruição das minhas quintas, que, tanto me custaram: porém considerando do lado do interesse estou muito satisfeito, como tenho feito ver a alguns dos meus amigos, que lamentavam esta chamada calamidade. — Ás vezes no meio da desolação apparece a intervenção de uma Providencia benefica para o amparo e consolação dos homens: assim acontece n'este caso com a introducção da Morus multicaulis (amoreira da China); e considero a maior gloria da minha vida o ter sido o orgam da sua introducção. Em Janeiro passado fez tres annos que eu importei duas mil plantas: estas foram multiplicadas de maneira que o anno passado e este distribuí gratuitamente além de quatorze mil plantas, e tenho muitos predios cobertos com esta manancial de riqueza. — Os logares occupados pelas larangeiras são admiravelmente adaptados á cultura das amoreiras, ¡ e quanto mais vantagem offerece este ramo tanto pela sua solidez, como pelo augmento do valor! — Nenhum paiz póde ser pobre onde prospera esta arvore benefica, a não ser pela inercia de seus habitantes. — Se a experiencia de tres annos me póde servir para deduzir uma conclusão acertada, declaro que não conheço um clima mais adaptado á cultura da morus multicaulis e á creação dos bichos de seda: — alguma seda feita em minha casa o anno passado foi submettida á inspecção de intendedores na cidade de Boston (Estados-Unidos) e foi pronunciada de excellente qualidade. Por tanto, como a arvore sendo abrigada dos ventos, se dá aqui muito bem, os bichos que eu introduzi o anno passado dão-se aqui optimamente, não tendo morrido a quinquagesima parte da proporção que costuma morrer na Italia, e que a seda é da boa qualidade, ¿que duvida póde haver que este é o maior manancial de riqueza que se póde offerecer a um paiz tão admiravelmente adaptado pela natureza para o aproveitar? Não apresento a V. as estimativas dos beneficios que se podem tirar d'este ramo de industria, porque os mais modicos parecem fabulosos: direi sómente que um alqueire de campo póde produzir doze mil libras de folhas: dão-se duas mil para disperdicios ficam dez mil, que á razão de cem libras de folhas para uma de seda fazem cem libras de seda! O tractamento do bicho é tão simples que um auctor intelligente diz, que a metade do trabalho da creação do bicho consiste na apanhadura da folha: e como o trabalho de apanhar a folha da morus multicaulis é so a terça parte do trabalho que se empregava na colheita da folha da morus alba; ninguem se assustará com o trabalho necessario para o feliz exito d'este interessante emprego.

Tenho o fermento (80 até 100,000 bichos) de um estabelecimento para a creação dos bichos debaixo de um systema regular: e para o anno espero ter milhões de tributarios, o que será o melhor argumento para convencer alguns dos meus amigos, que menos enthusiasmo tem do que eu.

Do bicho destruidor passei ao bicho creador na esperança, que com a coadjuvação de V. e outros intelligentes e energicos amantes da Patria, se dará um impulso á cultura da Morus Multicaulis. Pelo ultimo navio dos Estados-Unidos recebi um officio do governo, pedindo informações relativas a um bicho (que supponho identico com aquelle que cá temos,) que está destruindo os pomares de larangeiras na Florida. Tambem me constou que na Ilha de Cuba elles teem feito grandes estragos. — Com muita consideração tenho a honra de ser de V.

Horta 19 de junho de 1843.

Carlos G. Dabney.

RESPOSTA ÁS REFLEXÕES DO DIARIO DO GOVERNO N.º 263 SOBRE ESTRADAS E CARROS.

2406 Agradecendo (*) ao Diario do Governo a insercção do artigo sobre *estradas e carros*, que se acha na Revista Universal Lisbonense n.º 10, não posso deixar de responder ás doctrinas do diarista se bem que em geral, já estão previnidas e respondidas no artigo mencionado; é objecto da maior consideração; merece de ser esclarecido por todos os lados.

Povos rudes, afferrados a manhas ruins são de comparar a filhos mal creados, que não admittem nem conselhos, nem razões, nem ameaças, para se emendarem dos seus defeitos; e grande êrro comme-

(*) A redacção da Revista Universal Lisbonense agradece egualmente á do Diario do Governo, e muito mais lhe agradeceria, se elle tomando o artigo da nossa folha, houvesse lido a bondade de o declarar d'onde o tomava. O Diario do Governo deve ainda mais que os outros periodicos dar o exemplo de escrupuloso respeito á propriedade litteraria.

tem os paes, se ainda lhes disculpam as perrices e caprichos, fortificando-os na sua obstinação por uma mal intendida condescendencia, creando d'esta maneira filhos sem obediencia e sujeição, capazes de lhes causarem os maiores desgostos no futuro. — O mesmo succede com a creação dos povos — pois nada se consegue d'elles se não pelo *rigor de leis justas*. — O grande programma em todos os estados europeus são actualmente — as estradas. — Este programma tem sido tambem ha pouco reconhecido em Portugal pelo governo, e pelos representantes da nação, como objecto de primeira necessidade, mas falta ainda afastar muitos obstaculos para o pôr em execução; e certamente não é um dos menores para ter estradas boas, e mais baratas, a conservação dos endiabrados carros, que são as meninas dos olhos dos carreiros, que os não largam nem por suasórias, nem com promessas de premios, nem por exemplos palpaveis e visiveis. E não obstante que mais de duzentos milhões de europeus ha seculos já desprezaram estes carros primitivos, pondo melhores no seu logar, estão tres milhões d'elles no canto occidental da Europa e outros tantos no canto oriental teimosos em conserval-os; servindo d'esta maneira de escarneo a todos os estrangeiros: de taes carros levam elles modelos: e como objectos de curiosidade e amostras dos *progressos da civilisação* portugueza e turca os depositam nos seus museus *ad perpetuam rei memoriam*. Ainda que não fosse pela utilidade publica, já ha muito que por vergonha não deviam ser tolerados — ¡ e ainda ha quem os proteja!

O Diario do Governo chama *violencia inaudita* o obrigarem-se os carreiros a emendarem estes viciosos instrumentos; não reflectindo em que o toleral-os é ainda muito maior violencia feita ao publico em geral, porque assim se concede aos carreiros um privilegio exclusivo para estragarem as estradas, feitas á custa do publico; ¿não será mais inaudita violencia, que haja o povo de pagar mais caro o fazimento e conservação das estradas, só por capricho dos carreiros e condescendencia do governo?

A asserção de que rodas largas não podem transitar por onde ha regos fundos nas estradas, é tanto contra a theoria como contra a pratica. E' impossivel que uma roda larga de 4 polegadas caiba n'um rego fundo de uma e meia até duas polegadas de largura, ¿e que succede então? a experiencia o mostra a cada passo: a roda larga passa por cima do rêgo estreito e bem longe de se lhe difficultar a passagem, pelo contrario procederá com mais facilidade, que um carro de rodas estreitas, que se arrastam pelo fundo dos regos com atritos por todos os lados.

Achar-se desnecessario usar de rigor contra os carreiros, por existir um verdadeiro penhor no tributo da capitação que cada um tem de pagar, e que ha-de despertar o natural sentimento dos carreiros, de conservar e zelar o fructo do seu sacrificio melhorando os seus carros, é uma doctrina ou um pensamento philosophico, cuja verdade ninguem negaria se estivessemos n'um mundo perfeito ou n'uma utopia; mas por desgraça mostra o mundo em que estamos, que a gente rude e sem civilisação, radicada nos costumes preadamiticos, não descorre tão philosophicamente: e a sua logica é de todo o ponto outra como se averigua em lidando com esta gente.

Elles dizem, como já a varios ouvimos: «Querem que paguemos tributo pelas estradas; além d'isso querem tambem que paguemos o direito nas barreiras das estradas, para a conservação d'ellas — portanto temos o direito de andar nas estradas com os nossos carros como os nossos paes e avós os usaram; se estragamos as estradas, por isso pagamos o nosso dinheiro nas barreiras, para se concertarem outra vez.»

Mas deixemos agora a questão das rodas e apresentemos um facto demonstrativo da differença de despezas da conservação de estradas, em caminho frequentado nos carros de transporte com rodas estreitas e fixas nos eixos; e em estrada frequentada sómente nos carros de rodas largas e moveis sobre eixos. E' conta tirada do livro das despezas de tres annos consecutivos.

Fallamos da estrada macadamisada que leva do logar de S. Pedro para o palacio e quinta da Pena, que tem o comprimento de 600 braças. As duas terças partes fóra da quinta são frequentadas pelos carros com rodas estreitas e cortantes, até um ponto onde estes carros descarregam os materiaes, e d'onde estes são conduzidos pelos carros de rodas largas e moveis até ao alto do palacio. Na parte primeira da estrada anda effectivamente occupado todo o anno, em concertos um trabalhador, e muitas vezes é necessario ser ajudado por muitos, de sorte que nos tres annos consecutivos custaram estes concertos e a conservação do pedaço de 400 braças de estrada 390$000, ou por anno 130$000 réis. As despezas da conservação da outra terça parte da estrada devia ser proporcionada á das primeiras duas terças partes, pelo motivo de passar por ella o mesmo pêso de materiaes, portanto a despeza devia ser nos tres annos 130$000 réis: mas achamos, que não importa em mais de 24$000 réis, ou oito mil réis por anno.

Eis-aqui um documento irrefragavel das grandes vantagens das rodas largas, e dos prejuizos causados pelas estreitas. Argumentando d'este facto para as despezas da conservação de uma legua (2500 braças) de via publica, frequentada por carros de rodas estreitas vemos que a conservação não custará menos de 800$ réis por anno, emquanto a sua despeza não passaria de cem mil réis se unicamente fosse trilhada por carros com rodas largas e moveis nos eixos. Portanto só nas quatro leguas da estrada de Cintra diminuiriam annualmente as despezas 2:800$000 réis.

A' vista d'esta demonstração o sábio governo de S. Magestade não deixará de remediar estes males, por uma deliberação energica; pois repetimos e mil vezes repetiremos, que Portugal não terá estradas boas emquanto forem tolerados similhantes carros, por contemplações mal intendidas com os carreiros; preferindo-se o bem de uns poucos ao bem geral da nação.

A camara municipal de Lisboa, abriu o exemplo de não consentir carros de rodas estreitas, e mereceu por isso os maiores louvores; ¿poderia o governo de S. Magestade fazer menos?

Barão d'Eschwege.

CABELLOS IMPROVISADOS.

2407 Entre os annuncios parisienses achamos este, que não sabemos, se porventura será tambem improvisado como tantos outros, mas que todavia por uma sua clausula já parece que o não será.

«As pessoas que duvidassem da efficacia da agua «chimica de M. Lob, distincto chimico da Allemanha, «para fazer renascer os cabellos em dois mezes, até «nas cabeças calvas ha mais de vinte annos, pódem «obter esta agua gratis, ajustando-se com tudo o pre«ço que depois hão-de pagar no caso unicamente, já «se sabe, de ter o remedio produzido o seu effeito. «Os cabellos deixam para logo de caír e não se tor«nam a fazer brancos: as garrafas se vendem por cin«co ou dez francos segundo o seu tamanho, em caza do inventor, *galerie Vivienne n.º* 13.»

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

DIOGO DE PAIVA D'ANDRADE.

18 DE DEZEMBRO DE 1660.

2408 Ha familias onde as sciencias e as lettras parece que andam vinculadas. E n'este nosso Portugal teem florecido não poucas.

Paiva d'Andrade pertence, como todos os lidos sabem, a uma d'essas familias predestinadas. Foi dos nossos bons escriptores do seculo XVI, profundo philosopho, elegante poeta, mui versado nas antiguidades, sobre o que publicou um curioso livro.

Escreveu porém outro, *em que se contém advertencias muito importantes para viverem os casados em quietação e contentamento.* Seu titulo é — *O Casamento Perfeito.*

É hoje o anniversario do passamento d'este nosso bom classico; e como quer que o pedir-lhe suffragios por alma, teria seus riscos — lembrâmos, para honra de sua memoria, que se leia e medite este bello, philosophico, e assim mesmo gracioso livro, que assás de urgencia anda ahi nas familias, dos conselhos e doutrinação que elle ministra.

Tem esta obra, além dos méritos proprios, quatro fiadores tão abonados e competentes, que a accreditam grandemente. A saber — D. Francisco Manuel, Manuel de Sousa Coutinho (o nosso grande Fr. Luiz de Sousa) Francisco de Sá de Menezes e Fradique da Camara, cada qual em um soneto que veem á frente do *Casamento Perfeito.* *Silva Tullio.*

TUMULO DE UMA PRINCEZA.

2409 Em uma das bellas manhãs, que tão lindas, e continuadas foram nos principios d'este mez de novembro, empreendi com outro amigo uma digressão fluvial ao longo do nosso formoso Téjo, seguindo-lhe a margem do norte. Um pouco acima da antiga Lisboa e notando o lado fronteiro, a vastidão do rio mal estremada pela meia sombra da marinha, que apenas ao longe se divisa; semelha um oceano. Algumas aves aquaticas, que adejavam em volta da nossa ligeira embarcação, e nos advertiam com seus grasnos, da procella, que lá pela tarde nos tomou inadvertidos; a gradual desapparição dos mastros dos navios surtos na mui symétrica estação da alfandega, e que se nos íam escondidos pelos montes do Castello, e de São Vicente, nos recordavam o começo de uma larga viagem, ao despedir da terra.

Nem o meu companheiro nem eu foramos estranhos ás scenas que por aquella fórma, se nos então simulavam. Já por mais de uma vez haviamos experimentado o grande mar, e mesmo percebido o aspecto do naufragio. Sobre o que tinhamos passado em taes momentos de inquieta incerteza, e do contraste, que n'aquella pacifica hora íamos gozando, praticavamos em deliciosa segurança: quando uma nuvem alvacenta, ligeiramente orlada de escuro, nos fez desconfiar um tanto da amenidade que até então haviamos disfructado. Se no mar são rapidamente sensiveis as variações da athmosféra, veloses são por egual as transições moraes. Assim, a grandeza do mesmo Deus se nos alli revela, ora na vastidão das aguas adormecidas, e espelhando o Céu, cuja cerulea cupula já parece comsigo, e insensivelmente confundir: ora, quando ludibrio de desencadeados, e furiosos ventos, sob uma abobeda achatada, e espessa de carregadas nuvens, nos parece que as ondas, terrivel, mas uniformemente levantadas, pertendem contra ella esmagar o fragil baixel, a que vamos confiados. Na propria energia d'estes quadros da natureza, na mesma variedade de fortuna, que se vive, e se arrosta sobre o mar, é que se contrae essa audacia, e independencia, que distinguem o nauta. O meu coração parece dilatar-se, e como que nivelar-se á altura d'essas maravilhas, e d'esse grandioso, quando tenho navegado esse vasto pélago; afiguram-se-me ampliadas as idéas de independencia, quando me liberto d'essas ruas tortuosas dos povoados; da altura dos edificios, que me vedam o horisonte; dos muros que demarcam a propriedade, e nos abafam o ar; das mil attenções que exigem os caminhos, e os caminhantes; finalmente d'essas tantas outras condições que nos impõe a policia, e a sociedade, e que então vou analysando de um ponto fóra do quadro, entre a immensidade das aguas, e do firmamento. ¡¡ E todavia, quanta illusão ahi não ha!! N'esse momento, em que por imaginação me julgo solto de mil restricções, só um debil lenho se interpõe entre a minha existencia, e o abysmo!! Quando nos jactamos de dominar o occeano, este apaga mesmo á nossa vista, a esteira do navio, ou vestigio de nossa passagem; finalmente quando empregamos todos os nossos meios, e sciencia para seguir uma derrota projectada na carta; o navio vae derivando, e nos traz ao calculo, um elemento de incerteza!! Parecidas com estas são comtudo muitas das seductoras fantasias de organisações politicas.

Por estes, e quejandos assumptos nos engolfavamos, quando ao longe nos surgiam os estabelecimentos de Val-de-Zebro, primitivo estaleiro da nossa marinha, quando esta nos tornou opulentos, e universaes, dilatando-nos o dominio — tornando Lisboa o emporio das outras partes do mundo — e levando a civilisação, e os religiosos preceitos do Crucificado a essas regiões, d'onde já tudo desapparecen, menos certo dialecto lusitano, e o impalpavel senhorio do padroado real. Não foi comtudo por mingoa de combates feridos, e de vidas sacrificadas á gloria da patria. Se me não engano, é do auctor de Paulo e Virginia a idéa de que o fundo do oceano se acha em partes alastrado das ballas dos modernos, da sua artilharia, da prata, do oiro da America, e dos ossos das nações que a ferro e a fogo teem disputado na superficie do mar, a posse de certas regiões, ou o capricho de uma palavra; por modo, que quando gran-

des revoluções houverem descoberto aquelle leito, n'elle se poderão chronologicamente estudar pela superposição de taes objectos a historia das grandezas, e das miserias humanas; tal como hoje nas differentes strateficações, lêmos as edades do mundo. Se a hypothese se realisar, o que de nossos dias o Eterno desvie, de certo que muitas ossadas portuguezas terão de apparecer; mas faltará seguramente quem as vá estudar.

Navegavamos por aquellas alturas, quando o vento, de galerno e quasi insensivel, nos saltou rija, e inesperadamente do sodoeste; e em menos de vinte minutos, trasendo-nos copiosa chuva, arripiou as aguas, cuja grossa vasante encontrava. O frio tornou-se-nos insupportavel, e desprivinidos contra tal conjuração dos elementos, resolvemos aferrar a terra, sempre mais fagueira, e segura, aproámos o extincto convento dos Loios, cujas torres d'alli proximo se esbeltavam, e nos *destinámos a um pseudo restaurant* a cuja laconica lista nos resignariamos ao jantar, já que opprimidos nos viamos de força maior. Para não estarmos por tanto tempo ociosos, escolhemos visitar o templo; obra de D. Affonso, o Africano, em desempenho dos votos de sua esposa, a senhora rainha D. Izabel, e grandemente beneficiado por D. Manuel, o Affortunado. — Disseram-nos que a egreja se achava já de todo despida, e grandemente profanada, verdadeiro *fac-simile* da philosophia materialisante: que só de miserias, e de ruinas seriamos testimunhas: e não nos mentiam. Alcançámos a entrada.

O vestibulo era n'aquelle momento um vasto deposito de aduelas, e vasilhas: juncto d'elle, a chaminé ou registo de uma machina de vapôr, desemboccando quasi ao réz do chão, nos cercava de tepido fumo, e nos esturgia os ouvidos. Um differente, mas surdo strídor, annunciava lá dentro o movimento da machina destinada, segundo nos disseram, á debulha, e moenda de cereaes. Zumbia o vento, coando-se impetuoso por entre a gradaria de ferro do convento: e um descompassado, sêco, e impertinente bater de martellos completava a desharmonia com que pareciamos mais de pressa encaminhados ás estancias de Belzebut, que ao recinto de uma egreja. Quasi de salto, e escapando-nos ao cadente reforço que as goteiras do telhado davam á chuva; penetrámos a claustra. Alli nos esperava uma estranha scena, de que a antecedente fôra condigna precursora. Uma multidão de tanoeiros, de braços arregaçados, e mal assombrados; enfarruscados uns dos tições de certas fogueiras a que ora aqueciam, ora crestavam o vasilhame: outros ageitando em bigornas os arcos de ferro: alguns finalmente enlabusados de borras de vinho, que se vasavam de differentes pipas, que sacudidamente volteavam; se nos apresentaram com sinistro aspecto. Parecia esta chusma haver colonisado de pouco aquelles retiros, destinados outr'ora ao socego, e á religião: tanto que nos viram, déram mostras de assombramento, e ficaram duvidosos da continuação de seu trabalho, que praticavam em recinto fechado, lá no despedir da cidade, a paredes meias de tantas jazidas de varões, cujo silencio contrastavam. Saudámo-los cortezes, e este tacito pacto de conveniencia, e de segurança; foi o signal do recomeçar furioso, das roucas, e infernaes marteladas. Todavia, tres se destacaram de entre a turba, e nos acompanharam ao templo, como improvisados chronistas das ultimas ruinas, e destróços que íamos visitar.

Por uma das portas do cruzeiro entrámos na egreja: fôra esta, rica, e amplamente mimoseada de grandes offertas de nossos reis: mas ao presente só lhe resta a pedra, e mui poucos quadros, e ornatos; que os de maior valia, já d'alli haviam sido removidos. É abundante de marmores, e de cantaria brunida: mas as suas columnas, as suas pilastras, algumas obras de talha, varios ornatos de embutidos, tudo está em máu estado. Pelo pavimento só se topa com fragmentos diversos: varios nichos, capelinhas, e enfeites de estatuas de uma especie de lapa, em que repousam ao lado do convento, as cinzas de certo virtuoso varão; vae tudo destruido. Mas, que muito, se depois da profanação ecclesiastica, sobrevieram a de um aquartelamento de soldados — a de um incendio no corpo do convento — e por ultimo o desmazelo, e o abandono!!

Sem para aqui trazer a conveniencia dos meios porque se extinguiram as ordens religiosas, apenas apresentaremos uma reflexão. Os conegos de S. João Evangelista, mereciam um tal ou qual privilegio no seu modo de caír. Não ha duvida em que fossem os nossos abalos politicos, e a ingerencia do clero nas coisas do século, que lhes precipitaram a catastrophe: mas haviam sido estes mesmos conegos os reformadores do clero em épocas de outros grandes, e similhantes abalos. Eram elles os successores dos — bons homens de Villar; — e n'elles deveriamos acatar o grande fim de seus instituidores. Eis o que textualmente diz a sua chronica, intitulada — O céu aberto na terra.

«A pouca attenção do governo no reinado de el-rei «D. Fernando, as perturbações que por sua morte se «seguiram, e as guerras que logo se atearam entre «Portugal, e Castella, foram occasião de que o es«tado ecclesiastico (nomeadamente o clero) esqueces«se e atropellasse os foros, os respeitos, e as obri«gações da sua dignidade, sendo geralmente cada «clerigo um vivo escandalo dos seculares; era lasti«mosa em quasi todos a ignorancia, sem reparo a «devassidão: e sem freio a soltura de vida. Accres«ceu que nos largos annos que duraram as guerras, «ou as egrejas careciam de prelados (cujo provimen«to se impedia, e difficultava emquanto se não de«cidia a questão da corôa; fatalidade que vimos, e «chorámos em nossos tempos), ou os prelados trocan«do o baculo em espada, andavam tambem baralha«dos na campanha. D'estas causas nasceram os mons«truosos effeitos de se vêr misturado o sagrado com «o profano, a lei sem obediencia, a liberdade sem «temor, a culpa sem castigo, e a bondade sem pre«mio.»

Foi em taes circumstancias que tres homens da eschóla de D. João I, e depois de verem a terra libertada, cogitaram de reformar o clero, dando-lhe exemplos praticos, cuja moralidade refluisse sobre o povo. Foram elles, o mestre João, medico d'aquelle monarcha, e cathedratico em medicina, e depois bispo de Lamego, e de Vizeu — Martins Lourenço, doctorado em theologia — e D. Affonso Nogueira formado em ambos os direitos na Universidade de Bolonha. Se elles em sua vida não alcançaram toda a extensão de seu plano, pelo menos grangearam tanto a estima de el-rei D. Duarte, e de seu irmão o infante

D. Pedro, que a elles passou, excluindo os de Alcobaça, o hospital de S. Paulo, depois convento de S. Eloy, e hoje quartel de uma campanhia da guarda municipal, instituido no tempo do Sr. D. Diniz, pelo seu chanceller mór, e bispo de Lisboa D. Domingos Jardo, que no mesmo estabelecimento encorporou um seminario, em que se aprendessem as lettras, e as disciplinas ecclesiasticas, por aquelle tempo mui preteridas por todo o reino. Tambem logo depois e como dissemos, o Sr. D. Affonso V, lhe edificou a caza de que nós tractamos, e que destinou para cabeça da ordem. Era pois fundado no triplice serviço por elles prestado á humanidade nos hospitaes, ás lettras nas eschólas, e aos costumes pela sua reforma, que me arrisquei a ter-lhe votado mais suave acabamento. Releve-se-nos a digressão.

Proseguimos no exame de quanto nos parecia notavel, sendo das primeiras coisas, que mais nos attrairam, os differentes mausoleus, que estão na capella mór. Encerram elles as cinzas dos primeiros condes de Linhares, e de seus relacionados. Muitas outras campas indicando o soterramento de pessoas notaveis por alli se encontram; e tambem vimos solto no chão um tosco cippo funerario em que um Pater Noster, e uma Ave Maria se imploram pela alma de humildes desconhecidos. — No entretanto um pequeno cofre doirado, modesto, e liso, aberto latteralmente por duas meias portas escancaradas, e que um dos tanoeiros, trepado sobre um improvisado degráu, observava com certa attenção; nos captivou a nossa. Subi-me a altura conveniente, e dentro vi, tambem aberto, um pequeno caixão, contendo uma caveira, e a respectiva, mas desconjuncta ossada. Julguei a principio seriam algumas reliquias religiosas; que o não fossem, mereciam, só pelo que representavam, todo o respeito, e conservação. Recommendei que tudo fechassem, se bem que já uma das chaves a isso se não presta. Em presença de um tumulo, de um qualquer jasido funerario; d'esses marcos, não de milhas mas de tempo, e que indicam um começo da vida eterna, são sempre venerandas, e philosophcas as impressões que recebemos. Estava para nós sendo um mysterio similhante cofre, quando um de nossos seguidores nos apresentou um pedaço de taboa rectangular, pintada de preto com umas armas reaes, e n'elle com tinta branca este lettreiro para decifrar;

«Catærina Luzitania infans Eduardi et
«Eleonoræ regum filia, obiit Olisipone
«XV Kal. julii A. D. MDCCCLXIII
«translata VII Kal. februarii A. D.
«MDCCLXXXVII.»

Esta taboleta, que alli estava de lado e solta, foi o unico testemunho de que n'aquelle logar jaziam os despojos de uma filha de nossos reis: os de uma senhora virtuosa, e letrada. Fôra infeliz em sua vida vendo as discordias civis, a varia fortuna e o exilio de sua mãe; o quasi assassinamento de um tio; e o envenenamento do primeiro noivo. Tão chegada a diademas, e tão cortada de maguas e de sustos foi no claustro que se refugiou do mundo, postoque não professa. Por sua morte encommendou ao cardeal D. Jorge da Costa, a sepultasse aonde melhor intendesse; e aquelle prelado a transferiu do convento das freiras de S. Clara, para o de S. Eloy que já citámos. Ficou ao principio depositada na capella do bispo D. Domingos Jardo, até que em 1474 foi collocada em novo moimento, que para ella se levantára; originando-se d'ahi fazer-se na egreja outra nave, e nova capella, por quanto pertendendo o cardeal, erigir o monumento na capella mór, se lhe opposeram os padres, dizendo que esse logar lhe caberia a elle, como restaurador do convento: divergencia que se terminou ampliando-se a egreja, e erigindo distincta capella para aquelle prelado.

Com o tempo, pertenderam as freiras do Salvador assegurar que a infante tinha vivido, e morrido em seu convento, e allí mostravam sitio em que possuiam seus restos mortaes. E porque se alguem opposesse fundado em bons documentos, e em Ruy de Pina, Goes, Mariz, Duarte Nunes, mestre Antonio, Garibay, e Marianna; a madre prioresa, Marianna Bautista, a quem seguiu Fr. Luiz de Souza, imprimiu pelos annos de 1618 um livrinho, sustentando a opinião contraria; apezar de que a infante nunca estivera senão em Sancta Clara, e tinha um tumulo com epitaphio no convento de Sancto Eloy. Se tal prioresa existisse hoje em qualquer opposição, e com a imprensa livre; quem sabe o a que ella se proporia!!!

D'esta opposição com tudo nasceu a solemnidade com que foi aberto o tumulo, quando pelos annos de 1695, carecendo-se de fazer obras na egreja, e removel-o; se quiz verificar a existencia do cadaver. Os padres requereram ao nuncio Antonio Cornáro que d'isso se lavrasse um termo solemne. Deu elle commissão ao promotor da nunciatura, Francisco Quintanilha, e ao notario apostolico Jeronimo Lamparelli e outro, que descreveram judicialmente a achada, particularisando ser esta a inscripção do mausoleu que encerrava o corpo da infante.

Aqui jaz a infante D. Catharina, filha de El-Rei, D. Duarte, e da rainha D. Leonor, neta d'El-Rei D. João 1.°, irmãa d'El-Rei D. Affonso 5.°, tia de El-Rei D. João 2.°, a qual estando desposada com Carlos principe de Navarra, e Aragão, e com Duarte 4.° rei de Inglaterra, sem se effectuar algum dos casamentos, falleceo de 27 annos, sexta feira 17 de junho de 1463.

Por occasião do terremoto de 1755, a egreja de S. Eloy desabou quasi toda, ficando apenas de pé os dois arcos da capella mór, e o do coro. O fogo veio misturar-se a estes estragos; e postoque alguns padres por alli permanecessem depois a congregação se acolheu desde logo ao convento de Xabregas. E' provavel que quando se veio a acabar o culto, que, depois d'aquella catastrophe se continuou em uma capella interna, os conegos desamparando o seu hospicio, trasladassem para alem, os ossos da infante. Não tenho podido até agora verificar qual foi o modo que n'isto se teve, mas porque julgo que a situação presente d'aquelles despojos, é ainda mais precaria que a já experimentada, e sendo elles uma pertença da Augusta Caza Reinante; pareceu-me que todas as conveniencias religiosas, e sociaes requeriam dar-se uma noticia do que quasi todos ignoram, e que eu soube acaso e por occasião de um passatempo.

Completarei estes pormenores, com os por mim encontrados na chronica que já citei. «Nasceu a Senhora D. Catharina no dia da sancta do seu nome, a 25 «de novembro de 1436; não só mimosa de fortuna, «mas egualmente bem dotada da natureza, porque «sobre a regalia do sangue por todos os lados sobe-

«rano, resplandeciam como á competencia em seu «rosto, e animo, a graça, e a formosura, o inge- «nho, e a discrição, a generosidade, e a beneficen- «cia, o agrado, e a gravidade, a modestia, e a «compostura, e as outras partes, e prendas de que «se compõe, e se exorna um sugeito amavel, e admi- «ravel junctamente. Foi seu mestre o Cardeal de Al- «pedrinha. Era este homem de grande cabeça, e «profunda doctrina, e vendo agora que nos fructos «de sua diligencia assegurava os mais solidos funda- «mentos de uma grande fortuna, se empenhou em «desempenhar as esperanças que promettia o docilimo «genio da Infante. Logrou esta idéa felizmente, por- «que a Infante saíu por excellencia douta, e erudita «em linguas, sciencias, e noticias; e como tal com- «pôz varias obras, que o tempo, e incuria dos anti- «gos sepultou no esquecimento. Só ficou em memo- «ria a traducção que fez do livro de S. Lourenço Jus- «tiniano, que tracta da — Regra, e perfeição dos «monges — que o sancto intitulou — De disciplina mo- «nastica — o qual traduziu elegantemente da lingua «latina na portugueza. Foi impresso em Sancta Cruz «de Coimbra, e na sua primeira plana se diz, de- «pois de um estirado elogio, que a traductora o offe- «recêra aos religiosos de Sancto Eloy, onde o seu «corpo é sepultado; e se acrescenta..... E sabendo «o padre D. Dionisio, prior Crasteiro de Sancta Cruz «de Coimbra por o Senhor Infante D. Henrique, que «tanto thesoiro, e tão necessario ás almas dos devo- «tos, estava assim encerrado, e ignoto por falta de «impressão (com conselho do convento) o mandou cor- «reger e imprimir em o quarto anno da sua reforma- «ção. Á gloria, e louvor de Nosso Senhor Jesu-Chris- «to que com o padre & Espirito Sancto vive, e reyna «em o segre dos segres. Amen. Anno de 1531.»

«Sendo a Infante de 15 annos, no de 1451, acom- «panhou a cavallo a Imperatriz D. Leonor sua irmã «(que se casou com o Imperador Frederico 3.°, e foi «visavô do Imperador Carlos 5.°), quando embarcou «para Allemanha, levando-a de redea o Infante D. «Henrique seu tio, e á Imperatriz, el-rei D. Affon- «so 5.° seu irmão, a uso d'aquelles doirados tempos. «Sendo de 23 se tractou o seu casamento com o prin- «cipe Carlos, herdeiro de Navarra, e Aragão, mas «desvaneceram-se estas praticas, quasi ajustadas, com «a morte não esperada d'aquelle principe, morto (co- «mo se disse) com veneno, por ordem de el-rei seu «pae. — Então se recolheo ao mosteiro de S. Clara, «aonde sem habito de religiosa, porque el-rei seu ir- «mão lh'o não consentiu, viveu sanctamente, e fasia-se «tractar sem aquellas venerações que se estylam, e «se devem a taes pessoas..... Tractando-se de «novo o seu casamento com Eduardo 4.°, rei de In- «glaterra caíu a Infante na cama opprimida de agudo «pleuriz..... e se finou aos 17 de junho de 1463.»

Oxalá, que removidas agora suas cinzas para o pé das de seus conjunctos em sanguinidade, fiquem seguras de quinta, e forçada transladação.

Cheio das impressões de todo aquelle dia, quando o tempo amaciou, e despedindo-nos dos nossos hospedes, nos partimos para Lisboa, reflectindo mui seriamente sobre os destinos humanos, que assim como transtornam os programmas de recreativas digressões, zombam com egual facilidade dos testamentos dos Principes.

Lisboa 30 de novembro de 1843.

Augusto Xavier Palmeirim.

FRADES.

(Carta.)

2410 *Sr. Redactor.* — Sei que a sincera amizade, com que V. me honra nasce apenas da benevolencia de um animo excellente: não preciso que os outros me advirtam de que a não justificam, levemente sequer, talentos, nem a menor sombra de merecimento. Sou eu o primeiro a apregoal-o.

Não faço uma confissão armada ao orgulho por falsa modestia: o que intendo, digo-o: — cumpro um dever, obedecendo ás circumstancias em que me collocou a *advertencia*, que precede um artigo meu sobre a Academia-das-Bellas-Artes em o n.° 16 da *Revista Universal*; e fallando um pouco de mim no unico logar, onde o posso fazer, e diante da responsabilidade moral em que me põe as seis linhas da já alludida advertencia.

Com isto não me absolvo do peccado da soberba, que foi, que sempre ha-de ser inalienavel patrimonio da fragilidade humana, emquanto o mundo durar. Não alardeio abnegação, ou claustral humildade; n'essa parte sou o que todos são; talvez peior.

Não poucas, senão muitas e repetidas vezes com aquelle amor das letras, com aquella devoção de as florecer e animar, que realçam sobre outras prendas o seu character, V. interrompeu proveitosos trabalhos para allumiar com a experiencia dos annos maduros, com as reflexões de um gosto mimoso as tentativas do mancebo, que na edade em que tudo ou é paixão, ou enthusiasmo, cegamente se mettia ao caminho tão aspero, que leva ao sacrario d'esta religião, que ambos nós professamos; V. como sacerdote e inspirado cantor, eu como simples adepto.

Se me falta a vocação não sei, não posso remedial-o; ella não se faz; nasce; o mesmo é edificar sobre areia, a hermidinha, onde a sós comsigo cada qual dá culto, e presta fé aos dogmas da sua crença; se elles lhe não tocaram o coração, se os não professa bem d'alma, largue a religião, e volva ao seculo: — o mais é um sacrilegio; sob pena de lhe caír a capella ao primeiro sopro de fóra; de lhe baterem as palmas, por escarneo, como fizeram ao beato Labre de hypocrita memoria. Tambem ha Labres litterarios; se os haverá! Ora por desgraça não é d'essas a minha vocação!

Crenças sobre pósse, incutidas á força d'exemplo não fructificam, pelo contrario ameaçam queda villã; simelham aquelle vestido de certa historia que pela manhã enfeitava o criado, e á tarde servia ao legitimo dono. Deu-se no roubo, e o lacaio ficou na libré, que d'antes o não envergonhava, porque a pobreza não faz pejo, mas que depois do papel de Sozia, desafiou as risadas.

Sigo o preceito do adagio — antes pobre com o meu do que rico á custa alheia; apezar do respeito que nunca deixei de consagrar aos engenhos excellentes, se alguma das suas doctrinas repugna á minha particular opinião, aparto-me, e vou atraz da que em minha e livre consciencia tenho por melhor.

Por isso na questão das corporações regulares, em parte já sei que sim, no todo ainda o não posso affir-

mar, me vejo forçado a confessar principios inteiramente diversos, dos que tão nobre e eloquentemente deffende V.

Se o futuro me promette um raio de esperança, se do valor exagerado a estas tentativas, algum lhes pode devidamente caber no conceito de juiz imparcial, e não no favor e illusão da amizade, o que n'ellas houver de toleravel, devo-o aos conselhos, á eschola do mestre e do amigo, que escolhi para modello, no que litterariamente soffre modelo sem resvallar em rasa copia, ou em triste lisonja. Devo-o ao segundo pae, que me encaminhou pela mão, mostrando-me os atalhos das sendas, que elle subiu com passadas de gigante, que outros trepam, como eu, assustados e a poder de auxilio: este amigo, este pai é o Sr. *Alexandre Herculano*, e depois d'elle V.

Diante da creação litteraria de ambos reconheço uma sagrada divida — conserval-a-hei sempre illesa e pura; provarei que se não fructificou em mim, como houvera fructificado n'outrem, ao menos a não desmenti e envenenei na sua essencia.

Na urgencia do momento farei fundada e largamente uma profissão de fé, que não fiz antes por não saber preludiar em cada paragrapho com um sermão de moral, e de doctrina; não me via, nem me vejo, constituido em dignidade de sacerdote, de ancião, ou de homem feito para prégar virtudes á sociedade no meio da qual vivo e passo desconhecido. Lembravamme os meus vinte e dois annos; não estava bem certo na medida da paciencia humano. Acaso não podia ella desabafar innocentemente por uma gargalhada, puxada d'alma ao Semião Stelyta, regalado e mimoso do mundo, sem barba nem experiencia dos homens?

Fallo unicamente de mim. Digo que me não chama Deus por aquelle caminho de Missionario beato; os outros abençoados sejam, se teem fé, e constancia moralisem, que me não importa isso; até gosto!....

Entretanto se não fôra a obrigação em que moralmente me constituiu um equivoco da *Advertencia* do n.º 16 da *Revista*, ainda não publicava o meu sentir e crer, ainda me remettia ao silencio.

Porém a accusação de falta de generosidade, accusação que subintende outra mais grave, a de me aproveitar covardemente da situação dos frades, para me levantar em seu perseguidor com *sarcasmos* pouco cabidos em 1843; calcando quem já se não póde deffender, quem está caido em má fortuna, não consinto, que deixe de pé similhante imputação, que por falsa modestia me deixe gravar com as suas naturaes consequencias.

Não li, não ouvi ler o artigo sobre S. Bruno a que se refere a *Advertencia*; é claro que não me inspira n'esta defeza a louca presumpção de o discutir; livre tenho, e sempre hei-de ter a minha opinião: mas sem fazer injuria ás alheias; sem as penhorar na praça como contrabando perigoso. A de V. são para mim de tanto respeito, que antes, não de as combater mas de apresentar uma em tudo ou só em algum ponto diversa, tomei pausadamente o pulso a mim mesmo.

Nem levianamente me passou pela idéa a má tenção de affrontar, aviltando-as, as extinctas corporações regulares. Pintei-as como ellas eram nos seculos, que de relance esbocei; porém não póde comigo tanto a desgraça de muitos, que me leve a disfarçar a verdade, que pertence á historia social e politica da nossa terra. Tenho de entrar n'esta questão; não posso não sei bastante para a precorrer toda; e só hei-de tractar mais abundantemente os pontos, que fundamentam as opiniões já publicadas. — O facto, a que se allude na *advertencia*, permitta-me V. que lhe assevere, que não é de 1843, nem de 1834; é hoje da historia, caíu no passado. Desafogada e lisamente o hei-de encarar por todos os seus aspectos, e nem a philosophia elegante, nem a graciosa satyra do seculo XVIII, e nem as doctrinas ultramontanas, me desviam um passo do que julgo ser o justo meio termo.

Creio firmemente que V. se não enganará a abrir a esta tão fecunda e bella these as columnas da Revista, e espero, que esta carta, que serve de introducção aos breves artigos, que tenciono dedicar ao assumpto, virá publicada em o proximo numero da Revista; tanto para não correr á revelia a lettra da advertencia, como para satisfação do jornal e de V. S.ª.

Sou com sincera devoção e amizade de V.

Amigo e admirador respeitoso

Calçada da Estrella 9 de dezembro de 1843.

Luiz Augusto Rebello da Silva.

RESPOSTA.

O redactor da Revista Universal Lisbonense, que, mais de uma vez na imprensa e na conversação, se tem mostrado amigo sincero e verdadeiro admirador do Sr. Rebello da Silva, sente de véras, que se podesse attribuir a palavras suas, significação ou intenção contraria a tão manifestados e provados sentimentos.

Sem dever, nem poder acceitar a qualificação de mestre e similhantes louvores, que a urbanidade do Sr. Rebello da Silva se compraz de lhe offerecer, o redactor da Revista Universal Lisbonense intende com tudo — que um espirito, ainda dos mais mediocres, mas com 43 annos e grande carga de penas e cuidados, atina muitas vezes melhor em certos assumptos que um ingenho, que tem o feliz defeito de só contar ainda 22. D'aqui a 21 annos estamos certos, de que já o Sr. Rebello da Silva, se quizer escrever sobre as ordens religiosas, não verá n'ellas unicamente o lado vicioso ou ridiculo, mas tambem o que tiveram de virtuoso, de illustrado, de prestadio e de summamente respeitavel.

Quando, por exemplo, fallar da historia, escripta pelos frades, não citará só o novelleiro Fr. Bernardo de Brito, mas tambem Fr. Antonio Brandão, o pae da historia critica portugueza. Quando se queixar de que os frades velhos não lançaram no assento de suas coisas as memorias artisticas, accrescentará, que todavia foram elles os que mandaram fazer, e nos conservaram, todas essas admiraveis obras artisticas, de que nos hoje estamos aproveitando, e a propria caza onde fazemos os nossos artisticos alardos.

N'isso que deixaram de fazer, foram elles como todos os seculares seus contemporaneos; emquanto, no que fizeram, muito vantajosamente se estremaram d'elles.

Isto que o Sr. Rebello da Silva tão bem sabe como nós, e melhor ainda do que nós, pela assiduidade e profundeza de seus estudos historicos, mas que elle dissimula por talvez julgar que, sem perigo para a sociedade, se não póde ainda hoje fazer aos

frades toda a justiça que lhes é devida, virá tempo em que, desenganado de tal êrro, seja elle o primeiro a confessal-o.

Assim como estampamos lealmente a carta do Sr. Rebello da Silva, lealmente lhe respondemos.

As nossas opiniões ácerca das ordens religiosas já o dissemos. Vão saír no segundo numero do JORNAL DAS BELLAS ARTES. Havemos de sustental-as emquanto não formos convencidos da sua inexactidão. — Convencidos, havemos de retractal-as, como é nosso costume em todas as disputas. Mas tal discussão, que não póde deixar de ser larga, desejamos que não seja n'uma folha de tão apertados ámbitos como esta. Seja qual for a decisão ultima, sempre nos ficará de contado a honra de termos esgrimido com tão illustre adversario e o proveito de havermos, com elle, aprendido muita coisa.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

2412 AMETLER continúa a sustentar-se rebelde no forte de *Figueras*. Em *Madrid* no serão de 3 do corrente houve na *praça da villa* uma especie de revolta plebéa; deram-se vivas ao ex-regente, Espartero; accudiram auctoridades policiaes e militares; empregaram meios de brandura para dissuadir os amotinados: — a resposta d'estes foram tiros e mais vivas sediciosos. A tropa dispersou-os a ferro e fogo; ficando pelas ruas alguns acutilados, e mortos.

ACTOS OFFICIAES.

2413 *Diario do Governo de 1 de dezembro.* — Ordem da armada n.º 110. Portaria pondo em arrematação o imposto de seis por cento no pescado fresco.

Idem de 2. — Venda de bens nacionaes.

Idem de 4. — Annuncio para que todas as pessoas, sociedades ou companhias que pertenderem encarregar-se do melhoramento da parte do rio Tejo, que fica dentro no territorio portuguez, apresentem as suas propostas na secretaria do reino dentro em 60 dias. Venda de bens nacionaes.

Idem de 5. — Auto de demarcação do terreno para a laboração das tres minas de mercurio galena argentina, e antimonio, sitas nas freguezias de Melides, e S. Francisco da Serra, no concelho de S. Thiago de Cacem. Portaria providenciando sobre a matricula dos jurados. Venda de bens nacionaes.

Idem de 6. — Portaria perguntando quaes são as reformas que se podem fazer na arrecadação da fazenda publica. Venda de bens nacionaes.

Idem de 7. — Venda de bens nacionaes.

Idem de 8. — Aviso aos navegantes de que em Dantzik se collocou um novo farol; outro no porto de Napoles. Venda de bens nacionaes.

Idem de 9. — Venda de foros e pensões.

Idem de 11. — Parecer do procurador geral da corôa sobre a representação da camara de Villa Franca. Portaria mandando formar processo á camara de Villa Franca. Venda de foros e pensões.

UM HABITO DE REMUNERAÇÃO.

2414 Por mais de uma vez haviamos n'esta folha sollicitado a attenção do governo para com os serviços, que á nossa litteratura tem feito e de continuo faz, o distincto escriptor francez e nosso estimavel amigo, o Sr. FERDINAND DENIS, que, n'este momento, está refundindo e aperfeiçoando o seu interessante livro *Resumé de l'histoire de la litterature portugaise*. Sua Magestade Fidellissima, a quem elle enviára por brinde as suas *Chroniques Chevaleresques de l'Espagne et du Portugal*, dignou-se, em septembro ultimo, agracial-o com a ordem da Conceição. A lettra do decreto, em que esta honra lhe foi conferida, é delicada e fica bem a ambas as partes.

ESCULPTURA PORTUGUEZA.

2415 NA ACADEMIA das Bellas-Artes do Porto existe, — segundo annuncia o *Periodico dos Pobres*, d'aquella cidade — uma esculptura do Sr. Luiz Pereira Bernardes Braga, digna de se vêr. É uma Vênus modelada em barro.

Sentimos não termos d'ella uma descripção artistica ou pelo menos uma noticia mais particularisada.

SALA COMMERCIAL NO PORTO.

2416 LÊ-SE nos *Pobres do Porto*: —

«Abriu-se no dia 9 do corrente a sala da associação commercial no edificio da nova praça no extincto convento queimado de S. Francisco d'esta cidade. A nova e bella sala tem de comprimento 120 palmos e de largura 30 dictos. Tem collocado em um dos lados o retrato do Ex.mo José Ferreira Borges 1.º magistrado do commercio e auctor do codigo hoje em execução, e ha outro quadro em que se lê em letras de oiro sobre campo azul o artigo da carta de lei que concedeu aquelle edificio ao corpo do commercio. A nova sala está decentemente mobilada e n'ella se encontram não só as noticias commerciaes e partes telegraphicas da barra, mas tambem periodicos commerciaes, politicos, e de instrucção e recreio, tanto nacionaes como estrangeiros.

«Este estabelecimento é digno da classe que representa, á qual tem prestado importantes serviços, e que muito melhorou com o novo local em que se acha. Consta-nos que a sala tem sido visitada por immensas pessoas d'ambos os sexos, tantos estrangeiras como nacionaes.»

NECROLÓGIO ARISTOCRATICO.

2417 Não só os homens, que as circumstancias lançaram nos vortices das revoluções politicas, são credores de serem lastimados, quando uma prematura morte os arranca dos braços d'amisade, e do seio das familias: ha tambem cavalheiros, que, posto figurassem pouco nas scenas politicas, são, pelas suas virtudes sociaes e domesticas, egualmente dignos de serem chorados no lance fatal de seu não esperado finamento.

JOÃO DA CAMARA LEME DE CARVALHAL ESMERALDO, é justamente um d'esses Cavalheiros. Era elle administrador da pequena, posto que mui illustre caza vinculada dos Camaras Lemes, na Ilha da Madeira, quando Sebastião Xavier Botelho foi mandado governador e capitão general áquella Ilha, e obteve em cazamento a filha primogenita d'este, a Exm.ª Sr.ª D. Theresa Xavier Botelho. Passando depois seu sogro a governar Moçambique, acompanhou-o na qualidade de seu ajudante de ordens, com a patente de capitão; e durante os annos que seu sogro governou aquella tão preciosa joia da Corôa Portugueza, não só serviu o Estado com honra e desinteresse, mas verdadeiro Cavalheiro, soube grangear a estima e sympathia dos habitantes d'aquella terra, que sempre encontraram n'elle a cordealidade mais franca, o mais decidido espirito de rectidão, o verdadeiro homem de bem.

Regressando com seu sogro a Lisboa, quando já a usurpação dominava Portugal, não allegou serviços, nada exigiu; soube annullar-se completamente, e viver retirado; entregando-se unicamente ao livre exercicio das virtudes domesticas, que sempre possuiu em grau

eminente. Por morte do Conde de Carvalhal, na Ilha da Madeira, succedeu como filho primogenito da irmã mais velha do conde, na opulenta caza dos Carvalhaes Esmeraldos d'aquella Ilha; e foi esta sem dúvida a épocha de seus curtos dias, em que suas virtudes se fizeram mais patentes: — generoso por genio, philantropo por naturesa, póde com verdade dizer-se, que herdou mais para os outros, de que para si.

Pede a decencia, exige o decoro que eu cale nomes, cujo melindre seria chocado, se houvesse de publicar todos os beneficios que aquella Alma Generosa soube espalhar, não só entre os seus mais proximos, mas em auxilio da verdadeira indigencia, debaixo de qualquer tecto que se acobertasse. Basta que se saiba que o espirito de charidade christã, o amor de beneficencia por ninguem foram nunca exercidos com tanta largueza, como pelo Illustre Finado: que seus actos beneficos sempre foram despidos de orgulho para se não tornarem pesados a quem os recebia; e que a sua mão esquerda não era sabedora dos beneficios sem numero que a direita espargia.

Nas primeiras eleições que houve para senadores depois da revolução de setembro, foi o Illustre Finado honrado com os votos de seus compatriotas para senador: como porém seus principios politicos o vinculavam á Carta Constitucional de 1826, por estar persuadido ser aquelle unico codigo politico, que podia fazer a verdadeira felicidade de sua Patria, agradeceu cordealmente a seus patricios a honra que lhe haviam feito; mas regeitou a candidatura; unico meio que lhe restava de não violentar a sua consciencia, e de acordo com este systema deu a sua demissão da patente militar que tinha.

Andaram os tempos, tornou a Carta Constitucional de 1826 a reger novamente os destinos de Portugal, e nas eleições immediatas foi elle de novo escolhido por seus compatriotas, na Madeira, para ser um dos quatro deputados d'aquella ilha: desvanecidos, como estavam, os obstaculos que haviam sido causa de sua primeira regeição, acceitou.

Foi precisamente n'esta épocha que teve logar a fatal aluvião da Madeira: estava o Illustre Finado doente, quando recebeu tão aterradora noticia; despresando porém a sua saude não hesitou em promptificar-se para concorrer por todos os modos, a fim de que se tomassem as indispensaveis providencias para acudir á sua patria; e não foi de certo culpa sua, se mais efficazes meios se não applicaram em auxilio dos madeirenses.

Este Eximio Patriota, este digno descendente de João Gonçalves Zarco, foi pae carinhoso, optimo marido, e o melhor e mais generoso dos amigos. Tinha quarenta e tres annos de edade, quando foi repentinamente atacado por uma emiplegia, que no curto espaço de tres para quatro dias o lançou na sepultura, não obstando os incriveis esforços que sua atribulada Esposa pôz em prática para lhe restituir a saude. Aprouve porém á Providencia chamal-o a melhor vida, deixando sua Viuva na maior consternação; seus quatro innocentes filhos orphãos do melhor dos paes, e seus numerosos amigos cheios de saudade!

Seja-lhe a terra leve!!

Resta-me declarar ao publico, que não foi minha intenção sair com um artigo verdadeiramente biographico do Illustre Finado: essa tarefa era digna de penna mais habil: só tive em vista fazer um pequeno esboço das qualidades moraes, que adornavam JOÃO DA CAMARA LEME DE CARVALHAL ESMERALDO. Da verdade dos factos que allego, torno-me eu responsavel para com o Publico; e das imperfeições da redacção espero que o mesmo Publico me absolverá facilmente, quando reflectir que é um pobre militar velho que escreve, e um amigo que na presença ainda da mais acerba dôr, offerece á memoria do Illustre Finado este tributo da sincera amizade, que sempre lhe consagrou —

Luiz José de Sampaio.

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

2418 Saiu á luz — Concurso do Sr. Beirão na escola medico-cirurgica de Lisboa. Dissertação inaugural do Illm.º Sr. Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão etc.

LOTERIAS.

2419 O NECESSARIO mal das loterias já muitas vezes temos visto, como anda entre nós occasionando um grande numero de outros males, que, bem se podiam dispensar, não sendo o menor d'elles o abuso, que da simplicidade do vulgo fazem os traficantes de cautelas.

O seguinte a este proposito é copiado do *Tribuno*:—

«Os 5:000$000 réis sairam a um cambista no «Rocio estabelecido no quarteirão de S. Domingos.

«O cambista havia comprado o bilhete a um ho«mem, que lh'o offereceu com a condição de dar-lhe «meia moeda em dinheiro e meia em cautelas, e as«sim se fez o negocio.

«O que vendeu o bilhete foi para caza, e multipli«cou com sua firma as cautelas, e vendeu; agora ap«parecem cautelas do cambista e do primeiro dono «do bilhete; mas não ha mais que 5:000$000 réis.

«Já por muitas vezes temos pedido á Misericordia, «que adopte medidas para obstar a estes e outros lo«gros que se estão fazendo ao publico á sombra da «Misericordia.

«Ha de chegar tempo que a Misericordia não ha «de extrair as suas loterias, e se adoptasse uma me«dida podia utilisar com ella mais oito ou dez por «cento.»

O traficante, por nome José Ferreira, acha-se preso, e mettido em processo pelo ministerio publico. Sobre estes successos faz um correspondente do *Correio Portuguez* as seguintes perguntas: —

«¿Porque não se impõe um direito de sello ás cau«tellas da loteria?»

«¿Porque se consente que adopteem o *officio* de cau«telleiros, tantos vadios, de proceder tão suspeito?»

«¿Porque não se obrigam os cambistas a pagar li«cença para abrir loja, exigindo-se-lhe garantias no «caso de venderem bilhetes da loteria?»

«¿Porque não pagam os cautelleiros licença para «venderem cautellas?»

CAÇA A RAPOSOS NO SEU COVIL.

2420 A 24 do mez passado pelas duas horas da manhã, algumas cazas do alto do Longo, juncto á Patriarchal Queimada, suspeitas de servirem de refugio e ninho a ladrões, foram cercadas de tropa e

justiça; e pela madrugada, entradas e visitadas pela auctoridade. O resultado foi a prisão de quatro individuos; tres dos quaes já tinham cumprido sentença de galés por ladrões. — Acharam-se-lhes objectos roubados. Tudo está nas mãos da justiça.

MAIS UM CAPITULO NA CHRONICA DAS PROEZAS DOS BOLIEIROS.

2421 Dia da Senhora da Conceição, um homem, juncto ás obras, que se andam fazendo, ao pé do palacio da Ex.ª condessa da Povoa ao Rato, achando-se entallado entre ellas e uma sege, que vinha para baixo com grande velocidade, caíu e ficou jazendo com ambas as pernas quebradas por uma das rodas: o bolieiro picou e seguiu via com maior rapidez ainda do que trazia, e desappareceu.

Se a camara municipal tivesse já publicado a postura, por tantas vezes lembrada e requerida, contra o correr de seges e cavalgaduras no povoado, não teriamos para accrescentar ao rol, já tão copioso, de creanças, mulheres e homens mortos ou estropeados por similhantes causas, mais este par de pernas, que, se a camara o continua a permittir, não serão as ultimas quebradas tão sem graça.

CORISCOS DE PÁU.

2422 Representava-se a 8 a Somnambula no Real Theatro de S. Carlos; tinha começado o segundo acto; camarotes, bancos e dobradiças, tudo estava raso de spectadores: escutava-se em silencio o Sr. *Flavio*, quando de repente desabam lá de cima do engradamento tres valentes pranchas de madeira, que, dando sobre o palco, estrugem todo o edificio, emmudecem o cantor e a orchestra, e fazem levantar sobresaltados a maior parte dos spectadores. Descido o panno, passado o sobresalto, e removidas as taboas, que assim tinham representado o papel do rei de madeira atirado por Jupiter das nuvens á lagôa, recomeçou a representação, que, superior a agoiros pelo mérito, com que é executada, correu harmoniosamente até ao fim, até ao triumpho, excitando com os applausos maior estrondo, do que haviam feito no seu despenho os tres coriscos de madeira.

LONGEVIDADE.

2423 Ha no Porto na travessa de Fradellos freguezia de Sancto Ildefonso, um velho de 110 annos, cazado com uma velha de 98. — Caetano Joaquim e Josefa Maria. — Elle e ella são ainda tezos e ageis. Ella faz ainda os arranjos internos e externos da caza; elle, se ao presente se acha na cama, foi necessario para isso um coice de um cavallo: são cazados desde muito moços. Teem sido criados de servir: vivem pobres, e são ao presente sustentados pela charidade do Sr. José Joaquim do Espirito Sancto. Ao seu bom comportamento, pois dizem o tem, e á sua forçada vida sem luxo e laboriosa se deve portanto attribuir, em grande parte, a sua admiravel conservação.

PRECES.

2424 Não se arrancam facilmente os piedosos costumes velhos d'entre o povo, por mais que n'isso empenhem todo o cabedal de suas forças os doctorinhos, cujo systema nervoso, segundo parece, se incommóda com certas praticas tradiccionaes, que a nenhuma outra coisa do mundo, se não for a essa, podem fazer damno, e que pelo contrario conservam os sentimentos de affecto, confiança e gratidão da creatura para com o Creador.

No *Periodico dos Pobres no Porto* lemos o seguinte: — «Escrevem de São Fins do Forno, concelho de Lousada o seguinte. Nos mezes de maio, junho e julho houve um grande indicio de fome, e os pobres já não pediam senão misericordia. A dicta freguezia de São Fins, por lembrança d'uma familia, junctou-se, vestiu uma Senhora da Conceição de lucto, collocou-a em um nixo tambem de lucto, e foi em procissão com o povo de outras freguezias rezando a ladainha, homens e mulheres, pobres e ricos, tudo descalço, ao Bom Jesus de Barrosas pedindo-lhe bom tempo. O milagre foi claro: findo o sermão e logo que a Senhora tornou para a sua egreja, já se sentiu menos chuva e appareceu o sol, havendo outro sermão á entrada, que compungiu o auditorio. Desde então até hoje transformou-se a fome em fartura, não havendo ha muitos annos tantos generos cereaes como agora.»

«Em gratidão vae haver no dia 5 d'este ou no dia 12, se o tempo o permittir, outra procissão de triumpho da mesma Senhora ao Bom Jesus de Barrosas, que deve ser com grande pompa.»

«Do mesmo concelho se diz o seguinte. Tem grassado por esta freguezia uma molestia de que tem morrido muita gente. O povo de S. Fins saiu em procissão em tôrno da egreja levando a Imagem de S. Sebastião no braço d'um minorista, accompanhada de familias inteiras com os seus meninos todos descalços, cantando a ladainha e pedindo a Deus misericordia. As molestias teem diminuido.»

PHENOMENO ATHMOSPHERICO.

2425 Lê-se no *Periodico dos Pobres no Porto* de 24 de novembro: — hontem presenceámos os dois phenomenos — do perikelio e da aurora boreal. — Ao pôr do sol, observou-se a sudoeste um agglomerado de nuvens correndo do oeste a sudoeste com luz assaz viva e côr de fogo em parte, e em parte d'um escuro carregado; e poucos instantes depois deixaram vêr a sudoeste um falso sol incoloro, cuja luz tinha o mesmo brilho que o sol no occaso: este falso sol foi descendo até se esconder no horisonte. — A este tempo observavam-se a nordeste e ao sul outros focos de luz côr de fogo, e o do sul se foi alargando em grandes fachas de luz da mesma côr, que abraçaram o horisonte inteiro e que serviam de base a outras verticaes, que fam terminar no zenith. Pouco a pouco se foram desfazendo, mostrando-se a atmosphera de um azul carregado como nas trovoadas, e coberta de vapores ligeiros e transparentes; então o foco de luz a sudoeste se foi alargando, e ficou completamente o meio quadrante de oeste a sudoeste desde o horisonte ao zenith alumiado de egual e mui brilhante côr de fogo, conservando-se ainda o foco a nordeste, e tendo desapparecido o do sul. Estas phases successivas de um e outro phenómeno duraram desde as 4 e meia até ás 5 e meia da tarde. O dia tinha estado chuvoso, e ainda a noite o esteve alguma coisa com intervallos, amanhecendo hoje o dia claro.